

Ensino científico e representações sociais de morte humana

FRANCISCO JOSÉ FIGUEIREDO COELHO
ELIANE BRÍGIDA MORAIS FALCÃO

Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro (NUTES/UFRJ), Brasil

Introdução

O ser vivo nasce, cresce, se reproduz e morre. Esse é o ciclo de vida que aprendemos desde criança nas aulas de ciências. Nascer, se desenvolver e morrer são eventos naturais que fazem parte do ciclo de vida de qualquer organismo. As ciências da natureza abordam o fenômeno da morte como algo inerente à continuidade das espécies na biosfera. Do ponto de vista biológico, a composição química e fisiologia dos seres assemelham-se, e isso iguala todos os seres vivos, sem distinguir os seres humanos dos demais. Entretanto, os seres humanos são caracterizados e distinguidos dos outros seres vivos, entre outras coisas, pela elaboração de seu sistema nervoso que inclui as funções do pensamento, do sentimento e das emoções na forma de expressões tão variadas quanto complexas. O biólogo não se preocupa com pensamentos e sentimentos pessoais, mas o educador sim. Concebemos o educando como alguém que se adapta ao meio ambiente com recursos de apreensão de informações e desenvolvimento de sentimentos e hábitos, capaz de reformulações e de reinvenções como forma de adaptação nos diferentes grupos sociais. O educando é, sobretudo, um ser consciente que faz escolhas no momento imediato, mas também articula o passado e o futuro para tomar suas decisões. O ser humano caracteriza-se pelo seu alto grau de consciência. A morte é, por tudo isso, para o ser humano, uma contingência existencial capaz de mobilizar variadas cargas de energia sentimental. Os jovens educandos, como seres vivos conscientes, sabem que morrerão e que terão um fim. A história humana atesta um longo trajeto cultural de lidar com tal contingência. Por isso, consideramos relevante, como educadores, investigar como, nas atividades de ensino de ciências, os jovens representam a morte humana.

O presente trabalho relata uma pesquisa realizada entre estudantes do ensino médio de duas diferentes escolas, visando identificar as representações sociais de morte, mais especialmente expressas nas aulas de biologia. Esta disciplina enfoca a natureza dos organismos vivos, sua diversidade e suas formas de interagir no ambiente. Por que então, se a morte faz parte do processo vital dos seres vivos, e dos seres humanos em particular, a sua abordagem no espaço educacional é pouco desenvolvida? Conhecemos com a biologia o ciclo de vida dos seres vivos, mas não se utiliza o espaço das aulas para falar sobre a finitude da vida humana, que é parte fundamental do ciclo de vida dos seres humanos e que inclui a consciência. A abordagem da morte do ponto de vista psicológico e sociológico relacionando-a ao conhecimento científico específico da biologia é praticamente ausente no espaço das aulas de biologia. A morte humana não é abordada com qualquer enfoque especial, ou diferenciado dos outros seres vivos. Talvez uma das maiores dificuldades para se falar sobre a morte durante as aulas de biologia resida no fato de que este fenômeno ainda é um tabu, ou seja é um assunto que as pessoas tentam silenciar e ocultar.

Sabemos que nossa vida terá um fim, que as pessoas que nos cercam morrerão, mas não falamos sobre isso no cotidiano. Tais assuntos concentram-se em espaços especializados como consultórios médicos ou espaços acadêmicos. Especialistas têm se dedicado à teorizar sobre os caminhos que diferentes culturas humanas têm trilhado para vivenciar a consciência de se saber mortal. Entretanto, em espaços educacionais este tem sido um tema pouco abordado.

Segundo Falcão & Lino (2004), existem muitas dificuldades entre os estudantes de medicina em lidar com a morte e com o morrer, num espaço onde as expectativas e os interesses são especialmente necessários. Segundo os autores, as escolas médicas ainda não assumiram compromisso educacional com o assunto, embora os avanços tecnológicos da intervenção médica – transplantes, clonagem, criogenia, eutanásia – sugiram sua redobrada importância nos dias atuais. Para eles, há tentativas no sentido de mudar tal quadro, mas ainda não estão propriamente consolidadas. Certamente tal conclusão pode ser estendida a outras áreas de formação. Um quadro teórico de referência na literatura especializada permite a compreensão deste quadro, ou seja, os percursos que o lidar com a consciência da morte, em diferentes momentos históricos e diferentes sociedades, têm tomado.

Para o historiador francês Phillipe Ariès (2003) é possível perceber importantes aspectos para compreender as dificuldades de lidar com a morte em nossa sociedade. A morte hoje, para ele, é vista como um assunto mórbido, interdito, e que é ocultado ao máximo. No entanto, diz ele, nem sempre foi assim. Para o autor, há uma visão antiga em que a morte se manifestava como algo familiar e próximo, que se contrapõe à concepção atual. Era importante, diz Ariès, que os parentes, amigos e vizinhos estivessem ao lado do moribundo no momento de sua morte. O quarto do moribundo transformava-se num local público, onde se entrava livremente, inclusive as crianças. Ariès enfatiza a simplicidade com que os ritos da morte já foram aceitos e cumpridos, diferentemente daqueles do mundo atual.

Na perspectiva do sociólogo alemão Norbert Elias (2001), a dificuldade não está em apenas falar sobre a morte, isto é, no teor do que é dito sobre ela, mas sim na forma como falamos dela. Os adultos por exemplo, diz o autor, evitam tocar no assunto com seus filhos pois sentem que podem transmitir a eles suas próprias angústias. No entanto, diz Elias, tal comportamento pode gerar efeitos traumáticos uma vez que se trata de negação de um fenômeno natural. Nesse sentido, ele advoga a importância, para as crianças, da familiaridade com o fato da morte, da finitude de suas próprias vidas e a de todos os demais.

Segundo Elias, a aversão dos adultos de hoje em transmitir às crianças os fatos biológicos da morte, ou seja, os aspectos físicos de decomposição do corpo e finitude orgânica, é apenas uma das peculiaridades da nossa civilização. A visão de corpos humanos em decomposição já foi algo mais comum, retrata Elias. Todos, inclusive as crianças, podiam falar disso com relativa liberdade. Hoje as coisas são diferentes: nunca o medo da degradação do corpo, na história da humanidade, foi tão ocultada e os moribundos tão isolados. Para ele, esta aversão é fruto do temor que as pessoas manifestam pelas coisas da morte. Este temor é suficiente para separar os que envelhecem dos vivos, tornando-nos frágeis e excludentes. É esta fragilidade, diz Elias, a maior responsável pelo isolamento dos que estão morrendo na nossa sociedade.

Ressaltando a necessidade e as possibilidades de mudança no curso da morte, Elias traça um paralelo com as mudanças ocorridas na forma de encarar as relações sexuais. Segundo ele, antes, a sexualidade, assim como hoje é a morte, era tratada também com grande rejeição. Hoje, questões e

problemas sexuais são discutidos publicamente num novo patamar de franqueza, mesmo com crianças, conclui o autor.

Para o filósofo francês Edgar Morin (1997), é nas atitudes e crenças diante da morte que o homem exprime o que a vida humana tem de mais fundamental. A sociedade funciona organizada pela morte, ao mesmo tempo que luta contra ela. Segundo este autor, a existência da cultura só tem sentido porque as antigas gerações morrem e é necessário transmiti-la às novas gerações. Para a espécie humana, a morte se faz acompanhar de ritos funerários, sendo a única a crer na sobrevivência ou no renascimento dos mortos, o que faz da morte um dos traços mais culturais da espécie.

Morin chama a atenção para o fato de que a consciência da morte não é algo inato e sim resultado de uma consciência que capta o real, isto é, é só por experiência que o ser humano sabe que irá morrer um dia. A morte humana, segundo ele, é um conhecimento do indivíduo que vem sempre do exterior, isto é, é um conhecimento aprendido, o que favorece uma atitude surpresa diante de cada fim de uma vida.

Nesta perspectiva da morte como algo aprendido, Morin ressalta que as pessoas cada vez mais dão a morte um sentido ocasional (doenças, infecções, acidentes) para este fenômeno, o que revela uma tendência grupal de não reconhecer a dimensão necessária que a morte apresenta como necessidade para a continuação da espécie. É nesta perspectiva que o autor defende a importância de se trabalhar mais temas considerados como tabu (como é o caso da morte e da sexualidade) em nossa sociedade, no intuito de formar cidadãos mais críticos e pensadores dos problemas sociais no planeta e que saibam articular diferentes culturas.

Na visão de Maria Júlia Kovács (1992), professora de Psicologia e pesquisadora da USP que realiza estudos sobre a morte como tema educacional para crianças e jovens, o conhecimento da morte aparece desde a mais tenra infância. Para a autora, engana-se quem acredita que a morte só é um problema no final da vida, e que só então deverá pensar nela. Pode-se, é claro, tentar esquecer, ignorar ou mesmo fingir que a morte não existe, mas tal comportamento é problemático, diz a autora, porque toda experiência de morte que se adquire é fundamental para as nossas vidas. Por este motivo Kovács defende a importância da abordagem do tema com as crianças e os adolescentes. Para ela, ao não falar com a criança, o adulto crê estar a protegendo, como se essa proteção aliviasse a possível dor e mudasse magicamente a realidade. Na verdade, afirma Kovács, a criança pode se sentir confusa e desamparada por não ter com quem conversar.

Por tradição cultural, familiar ou mesmo por investigações pessoais, cada um de nós traz dentro de si sua própria representação de morte, afirma a autora. Cada experiência desta, diz Kovács, é fundamental na representação que fazemos de morte. A experiência mostra que o medo é a responsável psicológica mais comum diante da morte. Nenhum ser humano está livre do medo da morte e todos os demais medos existentes estão, de alguma forma, relacionados a ele, afirma Kovács.

Baseando-se nos autores referidos, podemos afirmar que nossas culturas refletem, em relação à morte, uma variedade de visões, sentimentos e valores construídos e reafirmados por um longo período histórico. Fatores econômicos, psicológicos e religiosos compõem essa história. Os especialistas citados contribuem com suas pesquisas em diferentes áreas do conhecimento, nos fornecendo subsídios importantes para compreender a evolução histórica e social da morte e para refletirmos sobre a importância

educacional da abordagem do tema no mundo moderno, posicionando-se a favor de um investimento educacional em relação às atitudes diante da morte.

A pesquisa aqui relatada preocupa-se com a abordagem do ensino de ciências numa perspectiva mais ampla e completa, considerando que o educando do ensino básico é alguém em desenvolvimento, que está formando atitudes básicas para sua vida e sua expressão como cidadão participante de uma sociedade. A morte, vimos, estrutura também a convivência social. E a formação científica deve ter a integridade do educando como referência. Formar atitudes amadurecidas em relação à morte pode interessar o contexto social escolar do ensino de ciências. Foi com base nessas reflexões que desenvolvemos a pesquisa que a seguir relataremos. Com seus resultados pretendemos ampliar a discussão sobre os conteúdos e caminhos educacionais a serem trilhados na formação científica do ensino básico.

Objetivos e metodologia

O objetivo desta pesquisa concentra-se na identificação e análise das representações sociais de morte humana entre estudantes do terceiro ano do ensino médio. Como ponto de partida definimos representação social sob a ótica de Serge Moscovici¹ (1981): um conjunto de conceitos, proposições e explicações originados na vida cotidiana no curso das comunicações interpessoais dos indivíduos. Trata-se da expressão dos pensamentos de uma dada coletividade sobre um determinado objeto. No caso da pesquisa realizada, compreender as representações sociais de morte humana é uma forma de compreender o pensamento coletivo dos alunos (grupo social estudado) em relação à morte.

A metodologia utilizada na pesquisa foi a do estudo de caso (Lefèvre, 2003; Gil, 1999) com o uso de questionário individual anônimo em sala de aula e observação direta do ambiente escolar. Investigaram-se alunos de duas escolas do município de São Gonçalo, Rio de Janeiro (uma privada – 53 alunos – e uma estadual – 52 alunos). Ambas as escolas seguem as exigências básicas do ensino médio, ou seja, organizam-se em torno das disciplinas de linguagens e códigos, ciências exatas, humanas e naturais. Na escola privada, porém, a carga horária das disciplinas científicas² é o dobro da carga horária das mesmas na escola estadual e não há ensino religioso. Na escola estadual ocorre o ensino religioso como disciplina optativa, caracterizada pelos ensinamentos de valores do cristianismo, sem qualquer referência a uma religião específica.

A escola privada apresenta 62 alunos na mesma turma e a escola estadual apresenta 35 e 33 alunos, respectivamente, em duas turmas. Assim, trabalhamos com um número semelhante de alunos em ambas as escolas. Ambos os grupos de alunos da escola estadual são semelhantes em suas características sócio-econômicas e contexto escolar (mesmo currículo, conjunto de professores e carga horária de disciplinas de ciências e de ensino religioso).

¹ Psicólogo social e professor titular da Escola dos Altos Estudos em Ciências Sociais (Paris).

² Nos referimos às disciplinas de química, física e biologia como disciplinas científicas, o que não exclui o caráter científico de outras disciplinas do conhecimento básico. Na escola privada semanalmente tem-se 4 aulas de cada ciência especificada, enquanto que na escola estadual tem-se apenas 2 por semana, na terceira série do ensino médio. Nos primeiros anos do ensino médio esta carga horária das disciplinas do campo científico são semelhantes, apresentando apenas 2 tempos semanais para as mesmas. Cada aula apresenta duração de 50 minutos.

A aplicação dos questionários ocorreu em dias diferentes nas duas escolas, sem que antes os alunos tivessem qualquer conhecimento sobre o assunto em questão. Cuidou-se para que os alunos de cada escola respondessem às perguntas em um mesmo momento, a fim de se evitar que tivessem conhecimento das questões antes da aplicação do questionário. Foram informados sobre a instituição de origem da pesquisa, sobre os objetivos gerais do trabalho e do anonimato dos questionários, sendo esclarecidos posteriormente quanto ao conteúdo das questões. Em média o preenchimento dos questionários levou 30 minutos.

Os questionários começaram com o preenchimento dos itens sexo e idade. Objetivamos estes itens para obtermos a proporção do sexo e média de idade dos alunos participantes da pesquisa. Além destes itens, cada questionário apresentava 12 perguntas. As 6 primeiras perguntas do questionário abordaram aspectos gerais³ para o levantamento das representações sociais de morte dos alunos. As 6 últimas questões foram formuladas para identificação e compreensão das crenças religiosas dos jovens, sendo importantes para a análise e interpretação dos resultados das perguntas iniciais do questionário, nos permitindo traçar possíveis relações das crenças religiosas dos alunos e suas respectivas representações sociais. Foi visto que, porque compõem a cultura humana, crenças religiosas podem influenciar crenças e atitudes em relação à morte. Além das crenças religiosas serem componentes da cultura brasileira, os dados iniciais descritivos das escolas investigadas identificaram ensino religioso em uma delas.

Os dados levantados, através do questionário aplicado aos estudantes, permitem enfoque de diferentes faces do tema morte entre os estudantes, entretanto os resultados aqui apresentados serão parciais, concentrando-se na identificação das representações sociais de morte de ambas escolas investigadas e estabelecendo análise comparativa entre as mesmas. Este artigo concentra-se na pergunta n.º 1 do questionário – *Em sua opinião, o que é a morte?* – e naqueles relacionados às expectativas sobre a abordagem do tema nas aulas.

As respostas referentes aos itens sexo e idade foram organizadas quantitativamente :através de procedimentos matemáticos simples de média e porcentagem. Já para a identificação e interpretação, foi realizada uma análise qualitativa através do procedimento metodológico da Análise do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC – (Lefèvre, 2003). Para isso, e seguindo a metodologia, seleciona-se todas as palavras e expressões-chave semelhantes de todos os depoimentos dos sujeitos investigados, selecionando uma idéia central (é uma idéia que denota um sentido comum entre as palavras ou expressões-chave resgatadas nos depoimentos). A partir destas palavras e expressões-chave, constrói-se um novo discurso, utilizando apenas, se necessário, conectivos apropriados para dar coerência e coesão as frases. Chamamos este discurso construído de Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) por ser construído a partir das palavras e expressões-chave encontradas nos vários depoimentos dos membros de um grupo social (no caso os sujeitos pesquisa). Analisando a totalidade dos depoimentos de um determinado grupo social, encontramos várias idéias centrais e, conseqüentemente, conseguimos construir vários DSCs. Cada DSC é, desta forma, uma faceta da representação social do conjunto dos sujeitos investigados em relação ao tema investigado. O conjunto dos discursos coletivos construídos expressam a representação social do objeto investigado, no presente caso, a morte.

³ 1º pergunta: Em sua opinião, o que é a morte?; 2º pergunta: Em sua opinião, podemos dizer que a morte do ser humano é igual ou diferente da morte dos outros seres vivos? Por que pensa assim?; 3º pergunta: Que sentimentos a palavra morte desperta em você? Por que pensa assim?; 4º pergunta: Você gostaria que o assunto "morte de seres humanos" fosse mais discutido nas aulas de Biologia?; 5º pergunta: Se respondeu sim à questão anterior, que aspectos e de que maneira você gostaria de ter esclarecimentos sobre este assunto?; 6º pergunta: Espaço livre para esclarecimento de dúvidas ou explanação de alguma questão do questionário.

Na presente pesquisa, após a identificação das representações sociais com a construção dos DSCs sobre morte expresso pelos estudantes investigados, buscamos, através de uma análise comparativa, discutir a heterogeneidade de representações sociais de morte humana nas duas escolas e analisar a importância da inclusão do tema na educação dos jovens.

Resultados

Responderam ao questionário 105 alunos, ou seja, 81% do número total de alunos matriculados nas duas escolas. Foram investigados 52 alunos da escola estadual, o que corresponde a aproximadamente 76% do total de alunos da 3ª série na escola e 53 alunos da escola privada, o que corresponde a aproximadamente 85% do total dos alunos investigados nesta escola.

Os dados nos mostram que, quanto a sexo e idade, os alunos distribuem-se da seguinte forma:

TABELA I
Distribuição por sexo e idade

	ESCOLA ESTADUAL 52 ALUNOS	ESCOLA PRIVADA 53 ALUNOS
SEXO	16 - Masculino 36 - Feminino	15 - Masculino 38 - Feminino
IDADE	Média - 17,71 anos	Média - 17,56 anos

Pode-se observar que, em relação ao sexo, em ambas as escolas o número de alunos do sexo feminino é superior (acima de 50%) ao do sexo masculino. Esta redução do público masculino nas escolas pode estar relacionada às condições sócio-econômicas da região, acompanhando uma tendência nacional onde cada vez mais cedo os jovens participam ativamente no mercado de trabalho, principalmente o do sexo masculino.

Ao avaliarmos a questão específica do número maior de estudantes do sexo feminino em relação ao masculino, foi tentado relacionar o gênero às representações expressas em torno da morte. Entretanto não foi possível detectar, com estes dados, diferenças significativas sobre o tema, que se possam relacionar à questão do sexo.

Detectamos nas duas escolas algumas diferenças de expressão verbal nos diferentes depoimentos, mas basicamente as idéias centrais neles resgatadas são as mesmas, o que indica um repertório grupal comum de percepção em relação à morte. Alguns conceitos relacionados à área das ciências biológicas foram utilizados de forma distorcida do significado científico, em ambas as escolas. Por exemplo, a utilização da palavra "terreno" ao invés de "terrestre" para expressar a idéia do ser que habita a superfície terrestre ou a utilização da expressão "ciclo de vida" em decorrência da expressão "ciclo da matéria orgânica" para se referir à decomposição biológica dos seres vivos.

A análise das respostas à pergunta “Em sua opinião, o que é a morte?”, permitiu a identificação de 6 idéias centrais em ambas as escolas (como sumarizadas na tabela II): 1ª idéia central: a morte é inevitável; 2ª idéia central: sentido religioso da morte; 3ª idéia central: explicação científica da morte; 4ª idéia central: a morte é um mistério; 5ª idéia central: o sofrimento com a morte; 6ª idéia central: a finitude orgânica com a morte.

TABELA II
Idéias centrais identificadas sobre a morte

IDÉIAS CENTRAIS	COLÉGIO ESTADUAL 52	COLÉGIO PRIVADO 53
1. A morte é inevitável <i>(evento natural)</i>	27 51,92%	21 39,62%
2. Sentido religioso da morte <i>(continuidade dos planos divinos)</i>	27 51,92%	21 39,62%
3. Explicação científica sobre a morte <i>(desgaste celular, trocas e homeostase do planeta)</i>	5 9,61%	18 33,96%
4. A morte é um mistério <i>(evento inexplicável)</i>	6 11,53%	12 22,64%
5. O sofrimento com a morte <i>(tema doloroso)</i>	8 15,38%	7 13,20%
6. A finitude orgânica com a morte <i>(finitude carnal)</i>	11 21,15%	10 18,86%

OBS: Para a construção da tabela, as respostas foram agrupadas em função da presença de cada idéia central. As idéias centrais não são mutuamente excludentes, podendo ser encontrada mais de uma delas num mesmo depoimento.

Na análise das respostas à primeira pergunta do questionário – “Em sua opinião, o que é a morte?” – foi possível identificar 6 idéias centrais sobre a morte na escola estadual e as mesmas 6 idéias centrais sobre a morte na escola privada (sumarizadas na tabela II). Em ambas as escolas, mais da metade dos alunos identificaram duas ou mais idéias centrais em suas respostas.

A primeira idéia central identificada nos questionários das escolas estadual e privada foi a da “morte como um evento inevitável”. Com isto entende-se a morte como parte do destino de todos os seres vivos, isto é, sendo algo irreversível. Esta idéia central pôde ser observada no relato de 27 alunos da escola estadual e 21 alunos na escola privada.

A segunda idéia central identificada foi o “sentido religioso atribuído a morte”. Esta idéia central denota a morte como parte dos planos de Deus, sendo uma passagem para uma vida espiritual. Este sentido religioso atribuído a morte relaciona-se principalmente ao cristianismo. Esta idéia central pôde ser observada no relato de 27 alunos da escola estadual e 21 alunos na escola privada.

A terceira idéia central identificada denota uma “explicação científica sobre a morte”, marcada principalmente pela terminologia e conceitos científicos utilizados nos depoimentos. Esta idéia central não deixa de caracterizar a morte como um evento natural e inevitável, porém a descreve com uma explicação mais elaborada sobre os processos biológicos. A morte é um processo que ocorre devido a um desgaste do

corpo. Este evento é visto como extremamente importante para a homeostase do planeta porque evita a superpopulação. Esta idéia central pôde ser observada no relato de 5 alunos da escola estadual e 18 alunos da escola privada.

A quarta idéia central caracteriza a morte como um “evento misterioso”. Esta idéia central caracteriza a morte como algo inexplicável, causando uma grande dúvida sobre a existência de uma continuidade após morte. Ninguém sabe ao certo o que ocorre com a morte. Não se sabe para onde vamos, se é que vamos para algum lugar. Esta idéia central pôde ser observada no relato de 6 alunos da escola estadual e 12 alunos da escola privada.

A quinta idéia central atribui a morte um “sentido doloroso” pois traz saudades das pessoas que partiram, sendo algo muito difícil de se aceitar. Esta idéia central pôde ser observada no relato de 8 alunos da escola estadual e 7 alunos da escola privada.

A sexta idéia central denota à morte uma idéia de “finitude orgânica”. A morte é o fim da vida carnal, sendo o fim de toda existência. Alguns acreditam na continuidade da alma, outros não, mas, de fato, é o fim do corpo na Terra. A idéia de finitude carnal pôde ser observada no relato de 11 alunos da escola estadual e 10 alunos da escola privada.

Com base nestas idéias centrais e suas respectivas expressões-chave, foram construídos seis respectivos discursos do sujeito coletivo (DSC), em ambas as escolas. A seguir serão apresentados os DSC construídos (tabela III) a partir dos depoimentos, nas duas escolas:

TABELA III
DSCs construídos a partir dos depoimentos à pergunta: “O que é morte?”

DSCs	ESCOLA ESTADUAL	ESCOLA PRIVADA
DSC 1 A morte é inevitável	<p>“A morte é uma consequência natural da vida. O ser humano nasce, vive e morre. Faz parte de um ciclo que todos nós passamos. Se um dia nascemos, um dia morreremos. Ninguém ficará vivo para sempre. A morte é algo preciso e todo ser vivo está susceptível à ela.</p> <p>A morte é a única certeza que temos, fazendo parte do nosso destino. Sabemos que tudo isso tem que acontecer na vida, mesmo que o ser humano não queira aceitar. É algo normal porque sempre vai chegar o momento de morrer e todos temos que estar preparados quando essa hora chegar.</p> <p>Não tem para onde correr, porque um dia a morte vai chegar, não só para os seres humanos, mas para todos os seres. É a lei natural dos fatos. É um caminho sem volta que todos nós enfrentaremos. Como dizem: ‘para morrer, basta estar vivo’”.</p>	<p>“Todo ser vivo nasce, cresce, se reproduz e morre. A morte é uma consequência da vida de todo ser. É a etapa final da vida dos seres. É o destino de tudo o que é vivo, sendo a única certeza da vida.</p> <p>Um dia a morte acontece na vida de todo mundo e ninguém pode mudar isso. A morte é algo inevitável e ninguém consegue escapar dela. Não é algo bom, nem ruim, apenas é algo que existe. É um fator presente na vida de todo mundo. Faz parte da vida e temos que nos conformar tratá-la com naturalidade”.</p>

<p>DSC 2</p> <p>Sentido religioso da morte</p>	<p>“Como sabemos, nós seres humanos só estamos na terra de passagem. A morte não é verdadeiramente o fim como a maioria fala, mas sim o começo de uma nova vida. É o Início da vida espiritual.</p> <p>A morte foi feita por Deus para dar espaço para que nasçam novos seres. É uma segunda etapa da vida, uma viagem a qual todos iremos fazer um dia. É a passagem da vida para um outro plano, sendo enfim, o início de uma coisa melhor. A morte em alguns casos, é um refrigério, um descanso eterno. É quando as pessoas têm o descanso da alma e do corpo. Iremos, então, encontrar a paz que tanto buscamos e estaremos ao lado de Deus.</p> <p>A morte é o fim de uma vida aqui na Terra, e vamos nascer para uma outra vida eterna ou não, que vai depender das escolhas que a pessoa fez aqui em vida. É uma passagem para o paraíso onde o senhor está nos esperando”.</p>	<p>“A morte é o começo de um outra vida. É a continuidade da vida para a alma dos que vão, mas não neste mundo. É a passagem de um estado de vida material para um estado espiritual. Se deus decidir que é a hora daquela pessoa deixar o mundo, então assim será. Não devemos, no entanto, temer a morte se temos Deus ao nosso lado. Com a morte ocorre o tão esperado descanso da alma.</p> <p>A morte é uma forma de viver em um novo lugar, vivendo uma vida eterna. Após a morte existe vida, um lugar onde as almas se encontram para olhar, cuidar e orientar as pessoas que permanecem na vida terrestre.</p> <p>Com a morte a alma deixa o corpo, deixando para trás tudo o que viveu na Terra. A vida após a morte será boa ou ruim de acordo com o que vemos e praticamos em vida”.</p>
<p>DSC 3</p> <p>Explicação científica sobre a morte</p>	<p>“Durante o ciclo de vida, há um desgaste natural físico e mental do ser humano que acaba com a morte. A morte ocorre pelo <i>envelhecimento da matéria</i>. Isto que faz com que não exista resistência imunológica, deixando o ser enfraquecido e levando-o a morte. Com ela, deixamos de interagir com os demais seres vivos. Mas imagine se os seres vivos não morressem? A morte é importante para continuar a produção dos seres animais e seres humanos no planeta.</p> <p>Lutamos contra a morte e vivemos na busca incessante de melhorias e prolongamentos da vida”.</p>	<p>“A morte é o fim dos processos vegetativos essenciais à vida, tais como respiração, nutrição, etc. É quando as células e os órgãos não exercem mais suas funções devido ao estado de falência. A morte faz parte do <i>ciclo evolutivo</i>, podendo acontecer acidentalmente ou por alguma doença maligna.</p> <p>A morte é o encerramento do ciclo vital. É quando todos os processos bioquímicos do ser vivo param de acontecer. Trata-se, portanto, da ausência das atividades vitais. O corpo não é <i>mais útil</i>, não executando mais suas funções, isto é, cessam as funções orgânicas dos seres.</p> <p>É quando todos os nutrientes e demais substâncias voltam para o solo continuando o <i>ciclo da vida</i>. As funções param, o ser morre e então, a carne volta ao pó.</p> <p>É um fenômeno da natureza que acontece para dar espaço à outros seres vivos que irão chegar. Se não morrêssemos, não haveria a continuidade da nossa e das outras espécies. Isso custa a continuidade da existência ativa”.</p>
<p>DSC 4</p> <p>A morte é um mistério</p>	<p>“A morte é o começo de algo desconhecido. É uma passagem incerta e duvidosa, pois ninguém sabe ao certo como é, o que se passa, para onde vamos, o que seremos ou se não seremos mais nada.</p> <p>É algo inexplicável. Ninguém pode afirmar com certeza o que é a morte, a não ser quem já tenha morrido, e isto é impossível.</p> <p>Conhecemos a vida, a nossa única dúvida é o que acontece depois. Temos que nos agarrar em alguma crença para tentarmos entender a morte, pois o homem não conseguiu descobrir o que há do outro lado da vida. Creio que na morte há revelações das coisas questionadas em vida, mas é algo que não conheço”.</p>	<p>“A morte é algo que não se explica ao certo. Na verdade ninguém sabe o que é a morte, mas muitos explicam de várias formas. Não sabemos o dia, a hora, nem o lugar que ela vai ocorrer. Só sabemos e entendemos o real sentido da morte, quando passamos por ela.</p> <p>Pode ser até que haja a continuação do espírito após a morte, que haja outro mundo, quem sabe?”</p>

<p>DSC 5</p> <p>O sofrimento com a morte</p>	<p>“É um assunto triste que temos que encarar. A morte dói e até as vezes é má, pesando muito para o ser humano. É um momento triste e de dor que ninguém deveria passar. A morte nos traz tristezas e saudades das pessoas que partiram. Sabemos que tudo isso tem que acontecer um dia, mas nunca que o ser humano quer aceitar. No começo sofremos e choramos, mas depois conseguimos viver em paz”.</p>	<p>“A morte é uma tristeza profunda. É uma fase dolorosa, que machuca e faz doer a alma dos que ficam pois estes sentem saudades dos que foram. É algo triste e duro de se aceitar, pois não vemos mais aquela pessoa.</p> <p>A morte é uma crueldade muito grande, uma infelicidade. Viver pensando nela não é viver, é sofrer. Quando pensamos, no entanto, pensamos em morrer de forma calma, sem sofrimento”.</p>
<p>DSC 6</p> <p>A finitude orgânica com a morte</p>	<p>“A morte é o fim da vida em carne. É o fim de tudo, não é renascimento, não é o começo de nada em nenhum lugar. A morte é simplesmente o fim de tudo o que existe. É o fim do nosso ciclo de vida na Terra. No entanto, há quem acredite que o espírito continua em outro plano, mas é o fim do corpo. Assim como tudo começa um dia, tudo tem que terminar. Com o ser humano não poderia ser diferente”.</p>	<p>“Com a morte ocorre o fim da existência, o fim da parte material e devemos viver como se fosse o último dia, pois tudo um dia acaba.</p> <p>Pode até existir uma vida espiritual, mas a verdade é que na Terra tudo acaba. É o encerramento do ciclo vital, sendo o fim de tudo e todos os seres”.</p>

Como informações relevantes para a compreensão dessas representações, optamos pelo conhecimento das práticas religiosas desses alunos, sumarizadas na tabela IV:

TABELA IV
Crenças religiosas dos estudantes

PRÁTICAS RELIGIOSAS	COLÉGIO ESTADUAL 52	COLÉGIO PRIVADO 53
1. Catolicismo	22 42,30%	28 52,83
2. Protestantismo	16 30,76%	14 26,41%
3. Espiritismo	0 0%	2 3,77%
4. Frequentam a religião, mas não declararam qual	3 5,76%	0 0%
5. Não frequentam qualquer religião (<i>acreditam em Deus</i>)	8 15,38%	8 15,09%
6. Apresentam dúvidas sobre a existência de Deus	3 5,76%	1 1,88%
7. Ateus	0 0%	0 0%

Discussão dos resultados

Os DSCs em ambas as escolas, revelam muitas semelhanças e pequenas diferenças. As idéias centrais são as mesmas, o que caracteriza um mesmo repertório de representações sociais quanto a este fenômeno.

Quando os alunos tentaram descrever o fenômeno natural da morte através de conceitos e terminologias científicas, usos distorcidos de alguns conceitos foram identificados em ambas as escolas. Como exemplos, a morte foi descrita como o “envelhecimento da matéria” ao invés da “transformação da matéria” e também foi descrita como parte de um “ciclo evolutivo” ao invés do “ciclo de vida” dos seres. Essas distorções indicam que os alunos estão familiarizados com o vocabulário científico, mas parecem não dominar seus conceitos. Entretanto, duas observações são importantes em relação à escola privada: em maior número, os alunos expressaram um DSC com explicações científicas sobre a morte, o que parece demonstrar uma relação com a maior carga horária das disciplinas científicas nesta escola.

O aumento dos discursos que expressam um sentido religioso para a morte em ambas as escolas podem estar relacionados com o fato da religião oferecer uma explicação mais articulada com a espiritualidade dos indivíduos, baseando-se principalmente em conceitos bíblicos (que não é passível exclusivamente de processo investigativo à luz da ciência). Ancorado nessas explicações religiosas muitos encontram um caminho para aliviar a angústia do conhecimento da finitude através da imortalidade. Dessa forma, a religião torna-se uma aliada para eliminar um dos maiores temores da sociedade: o medo da morte, como abordamos anteriormente nas pesquisas relatadas por Kovács (1992).

Notou-se que, embora as escolas sejam laicas, a presença do discurso religioso é maior entre os estudantes da escola estadual. É possível que haja uma relação entre a presença da disciplina opcional de ensino religioso (bastante frequentada pelos alunos) e da carga horária das disciplinas científicas reduzidas nas representações que os alunos fazem da morte humana. Possivelmente esses dois fatos acarretam, ainda que minimamente, numa presença maior do DSC religioso na escola estadual, mesmo que o número de alunos religiosos seja ligeiramente maior na escola privada. De forma inversa, a maior carga horária das disciplinas científicas e a ausência das disciplinas de religião parecem estar relacionadas ao aumento dos discursos científicos na escola privada porque nesta escola as representações de morte ganharam mais referências explicativas das ciências.

Os discursos de finitude orgânica (equilibrados nas duas escolas) são bastante reduzidos. As referências bibliográficas selecionadas neste trabalho ajudam na compreensão deste resultado: nunca o medo da degradação do corpo, na história da humanidade, foi tão ocultada e os moribundos tão isolados. A visão de corpos humanos em decomposição já foi considerada algo comum, porém hoje a morbidez com que o tema é discutido faz com que a idéia de finitude seja esquecida de nosso cotidiano. Este ocultamento social da idéia de decomposição e finitude orgânica faz com que isso seja ocultado também entre os jovens, que, possivelmente, distanciam-se cada vez mais da consciência da finitude. Este distanciamento pode estar relacionado pelo medo da perda da vitalidade e da beleza da juventude.

A idéia de sofrimento com a morte nos depoimentos aparece numa proporção bem menor que a esperada. Isso não indica que os alunos não se preocupam e/ou sofrem com o fenômeno, mas indica que no repertório grupal (em ambas as escolas), a percepção da morte como um tema doloroso não é tão destacada nos grupos investigados. Essa idéia reduzida do sofrimento também pode estar diretamente relacionada com a segurança e o conforto causado pelas doutrinas religiosas, projetando a morte como um momento de alívio para o corpo. Esta hipótese explicaria a redução nos discursos de sofrimento entre os alunos.

Analisando os discursos de finitude orgânica e de sofrimento, poderíamos relacionar também a redução de ambos os discursos se levarmos em conta que o aumento das idéias religiosas servem de

suporte explicativo mais imediato para homeostase mental e social dos grupos na sociedade. A religião, nesse caso, parece ser o campo cultural mais explicativo no que se refere à finitude da vida humana, dentro ou fora de sala de aula, independente do suporte científico presente na escola básica.

Conclusões

Nas representações sociais de morte nos dois grupos investigados prevalece a base cultural mais geral que cerca as duas escolas e que traduz os comportamentos aprendidos em relação à morte, na tradição cultural ocidental, conforme apontado pelos especialistas referidos anteriormente. Considerando a presença forte das religiões, compreende-se porque as representações sociais desses estudantes incluem fortemente aspectos religiosos. Esta forte influência do aspecto cultural religioso nas representações sociais de morte e finitude dos seres humanos influenciam suas visões de mundo (aspectos físicos, mentais e sociais) e, conseqüentemente podem influenciar no aprendizado das ciências. Tendo já interagido com vários conceitos científicos ao longo de suas formações fundamentais e média, as idéias religiosas nos depoimentos são predominantes.

Pôde-se verificar que na escola onde há maior carga horária de ensino científico e, conseqüentemente, maior abordagem dos conteúdos científicos, as representações de morte ganharam mais referências explicativas das ciências.

O detalhamento das respostas dos estudantes às perguntas do questionário revelam que visões de morte estão sendo construídas através das experiências vividas e conhecimentos adquiridos dos mais variados campos culturais (religiosos, científicos, cotidianos, etc.). Esses resultados estimulam a continuação da investigação dessas representações e de formas de incluir o tema morte na educação científica no ensino básico.

A abordagem da finitude humana no espaço educacional das ciências poderia ser utilizado para a compreensão da saúde física, mental e social, respeitando a vida e reconhecendo a dimensão necessária que a morte apresenta para a continuação da espécie.

Os resultados permitem refletir sobre a grande importância que as aulas de ciências podem apresentar como espaço cultural. Propiciar informação científica e valores humanos é o objetivo da formação científica da escola básica, na medida que favorece a formação de cidadãos críticos.

Bibliografia

- ARIÈS, Phillipe (2003): *A história da morte no ocidente*. Rio de Janeiro, RJ, Ediouro.
- BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL (1997): *Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente e saúde – Temas transversais*. Vol. 10, 3ª edição. Brasília, MEC/SEF.
- ELIAS, Norbert (2001): *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro, RJ, Jorge Zahar Editora.
- FALCÃO, E. B. M., e LINO, G. G. S. (2004): O paciente morre: eis a questão, in *Rev. Bras. Educ. Med.*; 28, pp. 106-118.
- GIL, Antonio Carlos (1999): *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo, SP, Atlas.

KOVÁCS, Maria Julia (1992): *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo, SP, Casa do Psicólogo.

LEFÈVRE, Fernando, e LEFÈVRE, A. M. (2003): *O discurso do sujeito coletivo*. Uma nova opção em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul, Educs.

MELO, Enirtes Caetano Prates, e CUNHA, F. T. S. (2004): *Fundamentos de Saúde*. Rio de Janeiro, RJ, Senac.

MORIN, Edgar (1997): *O homem e a morte*. Rio de Janeiro, RJ, Imago.

MOSCOVICI, Serge (2001): "Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história", in JODELET, Dense: *As representações sociais*. Rio de Janeiro, RJ, Uerj.

Contactar

Revista Iberoamericana de Educación

Principal OEI